

Memórias de dar inveja a Forrest Gump

Gerald Thomas reúne em livro que chega às lojas esta semana crônicas que o qualificam como 'testemunha accidental da História'

Rodrigo Fonseca

Dois Baracks (Obama, um pré e um pós-Casa Branca), um La MaMa (Theatre, lá de Nova York), saudades de Beckett e perplexidade frente à Paixão antissemita de Mel Gibson diversificam o cardápio literário servido por Gerald Thomas no livro "Nada prova nada!". Nas livrarias esta semana, via editora Record, a coletânea de crônicas, a maioria delas pinçada da blogosfera, condensa a vocação de escritor, de comentarista político e até de jornalista do polêmico diretor teatral. É seu momento Forrester Gump, contando suas histórias da História. Preparando-se para encenar em Munique seu mais recente espetáculo, "Throats", montado em Londres de fevereiro a março, Gerald, morando em solo nova-iorquino, comenta nesta entrevista sua experiência como cronista, atualiza as novidades sobre "Copywriter", longa-metragem que tenta rodar desde 2002, e fala dos dez anos da tragédia do 11 de Setembro.

O GLOBO: Escrever crônicas alimenta suas ambições literárias?

GERALD THOMAS: Fora "Pedra de toque", texto inédito escrito para o livro, o que você lê é o resultado de sete anos de blog, com milhares de textos produzidos. Alan Flavio Viola, que fez a seleção da coletânea, reuniu um conjunto de crônicas que me dá um gás para tentar outra coisa. Se eu não tivesse com as mãos ocupadas com "Throats", que virá para São Paulo em maio, eu poderia tirar um ano sabático e escrever um romance. Bom... não sei se seria um romance. Talvez eu tivesse que fazer o livro sobre o teatro La MaMa. Já me falaram em um livro sobre Beckett, mas eu não sou um crítico analítico. Ele foi meu mentor.



Divulgação

• *Lidas em conjunto, as crônicas adquirem um tom nostálgico. Você mesmo fala em nostalgia na primeira pessoa. São saudades de quê?*
Eu desabafo. Desabafo no livro, desabafo no blog (<http://geraldthomasblog.wordpress.com/>), desabafo no palco com a companhia, a Dry Opera. Sou um falador. Sempre fui. E tô muito velho para mudar.

• *No entanto, mais que desabafo, você traça uma História particular da segunda metade do século XX e da primeira década do XXI no livro, num espírito Forrest Gump. Você presenciou alguns dos principais eventos dos últimos 50 anos. Essas crônicas são a memória desses eventos?*
Estava num apartamento virado para o World Trade Center quando o 11 de Setembro aconteceu. Estava no Tennessee

quando o dr. Martin Luther King foi assassinado. Fazia parte do comitê de campanha de Obama quando o primeiro presidente negro dos EUA foi eleito. *I've always been there.* Por isso, o livro parece um passeio pelo mundo das catástrofes, indo das loucuras de Muamar Kadafi à merda da intervenção americana no Iraque. Sou testemunha accidental da História. Accidental ou premonitória.



PREPARANDO

a montagem da peça "Throats" na Alemanha, Gerald Thomas lança "Nada prova nada!", com textos de seu blog

• *Leitores de seu blog postam perguntas do tipo: "Gerald, o que você vai fazer para lembrar os dez anos do 11 de Setembro?" Já decidiu?*

Nem sei onde eu vou estar no 11 de Setembro. Provavelmente eu vou estar aos prantos. Talvez eu ainda esteja na Alemanha encenado "Throats". O que eu posso dizer sobre o 11 de Setembro hoje é que invertem-se as cartas que nos fizeram sentir patrióticos no momento da tragédia. Ficou claro para todo mundo o envolvimento do Bush e do Dick Cheney em tudo aquilo. Para justificar uma invasão sangrenta ao Iraque, inventaram uma conexão do Saddam Hussein com os atentados e caçaram o cara até achá-lo num buraco suspeitíssimo. E o pior é que uma imunidade política impediu que o Bush fosse investigado. Isso aqui não é uma democracia. É uma república de mãos incrivelmente sujas. Os americanos só conhecem o mundo pelos países que invadem. Ninguém aqui saberia onde fica o Vietnã se não tivesse acontecido a guerra.

• *Seu desprezo por Bush é inversamente proporcional à sua admiração por Obama. O entusiasmo permanece?*

Amo o Obama cada vez mais, porque ele quebrou o monopólio da direita de um modo que os republicanos, até agora, são incapazes de encontrar um candidato à altura dele para disputar as próximas eleições presidenciais.

• *E quanto ao Brasil de Lula e, agora, o Brasil de Dilma?*

Não sei nada sobre a Dilma, só o fato de que ela recebeu Obama muito bem. Sei que ela era a queridinha do Lula e que foi guerrilheira. Sobre Lula, não tenho nada a dizer, embora não tenha rancor. Quando Gilberto

Gil virou ministro da Cultura e tachou o teatro que eu faço de elitista, eu me afastei das questões brasileiras. O que eu faço pode ser entendido pelo leigo mais vagabundo. É simples.

• *Você defende a simplicidade até analisando Beckett em "Nada prova nada!"*

Beckett fala de coisas reais. Ao falar de alguém que não chega em "Esperando Godot", ele denuncia a falsa esperança, algo real. Não é diferente de Plínio Marcos: "Godot" fala de dois perdidos numa noite suja. Até Bergman, por maior que seja, é mais simples do que ele é lido. Era um homem de teatro, que *psicologizava* tudo por vir da cultura sueca, onde as pessoas não se expressam. Todo mundo é mal-interpretado. Kadafi *taí* há 40 anos e só agora foi interpretado como vilão. Aos 57 anos, você cria na cabeça uma tecla chamada "fuck you!" que aperta sempre que vê a má interpretação das coisas.

• *Cadê seu primeiro longa-metragem como realizador, que você anunciou em 2002, com o ator dinamarquês Kim Bodnia? Kim se mostrou inconfiável. Mas Hugh Hudson (diretor de "Carrações de fogo", com quem Gerald palestrou em 2008 na Mostra de São Paulo) é um incentivador do filme, que se chama "Copywriter". Meu problema é tempo para terminar o roteiro.*

• *Mel Gibson é tema da crônica mais engraçada do livro. Já a crônica sobre Cacá Diegues é a mais elogiosa.*

Gibson deve sofrer de uma impotência grave para justificar sua intolerância. Cacá é o grande gênio do cinema. Não vi "Tropa de elite" ainda. No Brasil, o José Pa-dilha, que é muito simpático, deixou um DVD comigo, mas minha mala foi extraviada. ■

Um escritor muito ocupado • Continuação da página 1

Na mesa do escritório está o computador com as três versões do começo do novo romance, que vão ficar com "os herdeiros", como tudo o que está guardado lá.

— O computador torna as coisas mais lentas. É comum os romancistas meterem a mão no trabalho todo de novo. O computador facilita isso. Escrevi "Viva o povo brasileiro" numa máquina mecânica. Ficou com 1.600 e tantas laudas. Às vezes estava na lauda 800 e lembrava que na 430 tinha uma cena que poderia ser um pouco alterada. Quando imaginava ter que ir lá para reescrever, pensava: "Vai ficar assim mesmo." Agora é infundável, tem que dar um basta.

Sua rotina caseira é quebrada em algumas circunstâncias. — Estou me forçando a sair, sou membro relapso da Academia, mas não tenho razões para não ir à ABL. Também saio se minha mulher insistir muito ou se eu tiver uma crise de culpa gravíssima por causa de um amigo.

O encontro com os amigos de boteco, nos fins de semana, mantém-se. Mas, nas últimas semanas, o tradicional guaraná *diet* foi trocado.

— Tomo duas, três cervejas. Não tomo mais não é porque me proíbo, mas porque enche meu saco.

Ele havia parado de beber em 2000, após ter frequentado o Alcoólicos Anônimos, ter ido a uma clínica em São José do Rio Preto (SP) que aplica injeções e ter se internado em outra clínica em Santa Teresa em "regime carcerário". Nada adiantou. Até que ganhou uma medalha de Nossa Senhora do

Perpétuo Socorro e passou a rezar à noite um Pai-Nosso e uma Ave-Maria — logo ele, que não era devoto de Nossa Senhora. Como havia sido internado com pancreatite e tinha engulhos secos, pediu: "Se eu não tiver engulho amanhã, eu paro de beber." Não teve. E assim começou a parar.

— Mas me incomodava a ideia de "nunca mais". Parece uma coisa de morte — diz ele, que há pouco tempo, no boteco, pensou: — O que diabo estou fazendo aqui se posso embarcar como meu velho pai e o velho dele?

Numa viagem à Bahia, tomou no hotel um uísque duplo com água e gelo.

— Não foi uma sensação gloriosa, não matou saudades.

Longe de definições clássicas

Repetiu a experiência em outra viagem, e agora toma essas duas ou três cervejas aos sábados e domingos. Mas ele não serve de exemplo a ninguém, já que, como frisa, não se encaixa na definição clássica do "se tomar o primeiro gole já era".

— Não sou típico desde o começo. O AA diz para evitar o pessoal da ativa. Eu, no fim de semana seguinte (à *parada*), comparei ao boteco e comeci a tomar refrigerante.

Durante esses dez anos, passou por situações curiosas, como a vez em que estava tomando seu guaraná com gelo e um senhor pôs a mão em seu ombro e disse: "Gosto de ver você, porque eu também sou diabético e não dispense o meu uísque." Ubaldo, que não é diabético, falou que era guaraná e o homem não acreditou. Precisou enfiar o copo no nariz para cheirar. ■

Dos quadrinhos à cena, só para fazer rir

Tipos e situações criados por Maitena divertem, mas falta dramaturgia à peça

'Mulheres alteradas'
Teatro Clara Nunes

Tânia Brandão

TEATRO CRÍTICA

Traços ligeiros riscam a cena, cores simples criam os volumes, expressões brejeiras constroem tipos — está no palco mais uma tentativa para transpor o olhar rápido dos quadrinhos para as dimensões transcendentais do teatro. É divertido, sem dúvida, há competência e dedicação, naturalmente, mas é inevitável a sensação incômoda de que a densidade diferente das linguagens persistiu, se impôs como abismo intransponível. "Mulheres alteradas" é uma peça construída com leveza e cuidado por Andrea Maltaroli a partir das tiras de histórias da argentina Maitena, admiradas por tantos pelo mundo, um sucesso dos jornais. Traz muito do espírito crítico da quadrinista, revela a sua sagacidade para desenharmos o espaço de vida feminino classe média dos grandes centros, mas o desfile de tipos e situações acaba soando repetitivo, vazio, pois não há nem uma trama para ser adensada, nem uma progressão ou reviravolta das situações, um eixo, enfim, da dramaturgia, eficiente para envolver o público. Trata-se de um painel gratuito, uma sequência de intervenções sintéticas de fôlego curto. Na adaptação, houve uma tentativa de gerar continuidades — a ação foi estruturada a partir de um ponto de refe-



Divulgação/Rodrigo Hamam

O ELENCO de "Mulheres alteradas": sequência cansativa de piadas

rência, uma academia de ginástica em que as mulheres são colegas de malhação; as personagens foram aproximadas aos perfis dramáticos do teatro antigo, ainda em voga no humor da televisão.

Assim, Lisa (Adriana Galisteu), mãe de família fútil, inteligente, separada, teria algo da antiga vedete; Norma (Luiza Tomé), executiva bem sucedida, casada, mãe de dois filhos, corresponderia à dama galante de outrora, e Alice (Mel Lisboa), rica, sol-

teira, romântica, avoadinha e sem filhos, reproduziria os tons da ingênua caricata. O único problema é que os artifícios não geraram uma trama: a peça se impõe como uma sequência de piadas e se torna cansativa e superficial. Há uma metralhadora giratória de assuntos, muitas oportunidades de riso e diversão — a forma física, o corpo, a dieta, a moda, as liquidações, a maternidade, a família, as amizades, os encontros, os homens desejáveis e os abo-

mináveis, a multiplicidade de seres e funções contidos em cada mulher, a hipótese de existência de vida inteligente nos cérebros femininos — e nos masculinos...

A direção (Eduardo Figueiredo) recorreu à música ao vivo (Banda Alteradas) para tentar adensar o ritmo e neutralizar o vazio que ronda a sucessão de cenas curtas; alcançou um belo resultado na direção de ator. O elenco tem um desempenho muito interessante, seja na futilidade fugidia de Adriane Galisteu, no equilíbrio emocional de Luiza Tomé, na galhofa surpreendente de Mel Lisboa ou na riqueza de truques e reviravoltas de Daniel Del Sarto, defensor dos vários homens da cena.

Arte e cenários mimetizam HQs

A direção de arte, o cenário e os figurinos (Maíra Knox) tentam mimetizar o conceito e o movimento dos quadrinhos, mas pecam por certa pobreza de confecção e acabamento, em particular no caso das balanças, o que prejudica o efeito pretendido. O espetáculo é alegre, indicado aos que desejam se divertir com esboços das aventuras lunáticas das mulheres livres de hoje. Para quem desconfia dos quadrinhos e crê, ainda hoje, que eles são inimigos do espírito humano, o melhor é passar longe. Mas não é só: a distância também é recomendada para quem supõe que o teatro deve prezar sempre alguns compromissos vitais, mesmo quando o objetivo é rir, rir e apenas rir. ■